

# BATALHÃO ACADÉMICO DE 1808

## APRESENTAÇÃO

Entre as efemérides que a História de Portugal celebra neste ano de 2008, destaca-se o 2.º Centenário da Guerra Peninsular/Invasões Francesas que está a merecer, um pouco por todo o país, uma especial atenção traduzida em representações históricas, exposições, conferências, estudos e outros actos comemorativos. ¶ O largo alcance patriótico, social, político, económico, cultural e militar, que este acontecimento atingiu, na sociedade portuguesa dos inícios do século XIX, deixava antever esta arrebatada reacção. ¶ E foi com este espírito, estamos certa, que o Senhor Major-general Adelino Matos Coelho, em representação do Exército Português e da Direcção de História e Cultura Militar, acompanhado por vários oficiais, convidou o Arquivo da Universidade de Coimbra a colaborar numa exposição sobre um aspecto peculiar das Invasões, ou seja, o Batalhão Académico de 1808. Aceitámos com grande entusiasmo o encargo ao mesmo tempo que nos congratulamos com uma aliança de trabalho entre instituições, uma civil e outra militar, experiência que, diga-se, para o alic não é inédita. ¶ Do labor partilhado, nasceu uma exposição documental, bibliográfica e museológica de que este Catálogo dá conta, conservando, desta forma, pela escrita e pela imagem, a recordação dos objectos, temporariamente, expostos. ¶ Foram seleccionados, do Arquivo Histórico Militar e do Arquivo da Universidade, mais de meia centena de documentos, manuscritos e impressos, de 1808 a 1812. Múltiplos aspectos ligados à composição, abastecimento, armas e acção dos voluntários do Corpo Militar Académico de Coimbra estão presentes nos inúmeros registos, recibos, avisos, ofícios e muitos outros manuscritos lavrados e autenticados por escrivães e tabeliães. Citem-se, por exemplo, de 1808: um ofício acerca da necessidade de conserto das armas que estavam nos armazéns de Coimbra bem como a conveniência em fechar a Universidade, o que veio, mais tarde, a acontecer; um requerimento de Bernardo António Zagalo, de Ovar, e António Inácio Caiola, estudantes que ficaram famosos pelo seu heroísmo, sobretudo o primeiro, solicitando promoção de categoria; recibos de pagamento a um canteiro que fez o almofariz, muito provavelmente o que ilustra a capa deste livro, do Laboratório Químico, de que era director o insigne lente, nascido em Felgueiras (Moncorvo), Tomé Rodrigues Sobral. No que é hoje o Museu da Ciência, dirigiu o fabrico de pólvora e de outras munições de guerra, serviço que os franceses não perdoaram e, por isso, em 1810, o exército de Massena incendeia-lhe a casa, livros e tudo quanto tinha, como confessa amargurado numa carta, desse ano, endereçada ao Vice-Reitor; original, de 22 de Julho de 1808, da eleição do delegado e ajudante do Corpo dos Voluntários Doutores acompanhada da proposta de 6 artigos entre os quais a definição do armamento: Que o corpo seria armado de clavinas, e sabres; e os que fossem escolhidos para diligencias, de cavallo, de pistollas e espada. ¶ Entretanto, dos pelos da Real Imprensa da Universidade, principal centro da ‘arte negra’, em Coimbra, saía, só nesse ano de 1808, um número impressionante de folhetos, poemas, (odes pindáricas e recitadas), editais e livros, sem esquecer o jornal Minerva Lusitana, do qual, bem como de outras publicações, dá notícia o administrador ao comissário da Imprensa da Universidade, em Braga, em carta de 8 de

Agosto do mesmo ano: veja também se quer destas obras, que tanto aplauso tem tido por toda a parte por onde tem ido. Na edição de 7 de Outubro de 1808, é largamente noticiado o regozijo pela vitória alcançada: Na noite desse dia [29 de Setembro] toda a cidade pôs luminárias, e o Palácio da Universidade, e o Observatório Astronómico offerencião huma vistosa, e magnífica illuminação. Ali se recitarão muitas composições poeticas d'antemão preparadas, e muitos sonetos e motes, que se lhes davão, aluzivos a tão lisongeiras circumstancias ... ¶ A transfiguração da cidade e da Universidade de Coimbra era geral. Os sinos da torre já não chamavam para as aulas mas sim para a guerra, os lentes eram, agora, membros do Estado Maior, os estudantes, soldados de cavalaria, infantaria ou artilharia, os livros e as pastas davam lugar aos cartuchos e patronas, às pistolas e espadas, aos sabres e carabinas. ¶ Era, pois, forçoso, incluir uma secção museológica, bem atractiva para o visitante, de forte cariz simbólico. Do Museu Militar, vieram peças de equipamento e armas da época, bem conservadas, criteriosamente descritas, e que, afinal, são a prova material do que nos documentos ficou gravado. Saliente-se, que, deste modo, fica patente que a lembrança do que foi o Batalhão Académico não permanece viva tão-só pela escrita e pelos escritos, mas, igualmente, por muitos outros documentos como material bélico, medalhas, dragonas ou gravuras, objectos que, felizmente, sobreviveram às terríveis destruições, roubos e pilhagens do invasor. ¶ Que a exposição, o catálogo e o colóquio que evocam em Coimbra, no dia 5 de Junho do ano que ora corre, o *Batalhão Académico de 1808*, possam contribuir para um maior e melhor conhecimento de um capítulo muito relevante da História de Portugal, em geral, e, em particular, da Universidade. ¶ A concluir, exprimo um vivo sentimento de gratidão em nome do auc e no meu próprio, a todos os museus, bibliotecas e entidades que prontamente nos cederam algumas das peças apresentadas na exposição; a todos que nela trabalharam, com o melhor do seu saber e dedicação e, finalmente, ao Senhor Major-general Adelino Matos Coelho, principal e primeiro responsável por um projecto que quis que fosse de cada um e de todos.

Coimbra, 10 de Maio de 2008

Maria José Azevedo Santos Directora do Arquivo da Universidade de Coimbra

# FICHA TÉCNICA

TÍTULO DA EXPOSIÇÃO E DO CATÁLOGO  
Batalhão Académico de 1808  
5 de Junho a 31 de Outubro de 2008

ORGANIZAÇÃO  
Direcção de História e Cultura Militar (dhcm)  
Arquivo da Universidade de Coimbra (auc)

DIRECÇÃO  
Major-general Adelino Matos Coelho (dhcm);  
Prof.ª Doutora Maria José Azevedo Santos (Directora do auc)

TEXTOS  
Tenente-coronel Nuno Correia Barrento de Lemos Pires (Brig. Mec.); Major Abílio Augusto Pires Lousada (iesm); Prof.ª Doutora Ana Cristina Araújo (fluc/chsc);  
Prof.ª Doutora Isabel Nobre Vargues (fluc/ceis20)

SELECÇÃO DOCUMENTAL/BIBLIOGRÁFICA E MUSEOLÓGICA  
Coronel Manuel José Marques Ribeiro Faria (Museu Militar de Lisboa);  
Tenente-coronel Carlos Alberto Borges da Fonseca (ahm); Dr.ª Ana Maria Bandeira (auc)

DESCRIÇÃO DOCUMENTAL

Dr.ª Ana Maria Bandeira (auc); Dr.ª Maria Fernanda Teixeira Pereira Nunes (ahm);  
Dr.ª Maria João Marques Pires (ahm); Dr.ª Maria Teresa Amaral Pereira Gouvêa  
(ahm);  
Assistente-administrativa Susana Maria Gomes Silvestre (ahm);

MONTAGEM E APOIO TÉCNICO

Coronel João Manuel Bicho da Silva Alves (Museu Militar de Coimbra);  
Dr.ª Isabel Mesquita (auc); Dr.ª Susana Andrea Martins (auc)

DIGITALIZAÇÃO

Capitão Joaquim Ricardo Marques Aleixo (ahm);  
1.º Sargento Fernando dos Santos Rangens Leitão (ahm); Dr.ª Cristina Medina (auc)

FOTOGRAFIA DA CAPA

João Armando Ribeiro (pomenor do interior do almofariz da pólvora, 1808 — Museu da Ciência, UC)

DESIGN GRÁFICO

Antero Ferreira Design, Porto

PRODUÇÃO GRÁFICA

Alquimia da Cor — Produções Digitais, Porto

IMPRESSÃO

Rocha Artes Gráficas, Vila Nova de Gaia

TIRAGEM

500 exemplares

ISBN

978-972-594-106-5

DEPÓSITO LEGAL

277 130/08

EDIÇÃO

© Direcção de História e Cultura Militar (dhcm)  
© Arquivo da Universidade de Coimbra (auc)

APOIOS

Reitoria da Universidade de Coimbra  
Comissão Portuguesa de História Militar  
Comissão do Exército para as Comemorações dos 200 anos da Guerra Peninsular  
Brigada de Intervenção  
Arquivo Histórico Militar  
Museu Militar de Lisboa  
Museu Militar de Coimbra  
Museu Nacional Machado de Castro  
Museu da Ciência da Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras da uc (fluc)/CCGH/Biblioteca Central/Sala Ferreira Lima  
Centro de História da Sociedade e da Cultura  
Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (ceis20)  
Inatel

# O BATALHÃO ACADÉMICO DE 1808

A Guerra Peninsular constituiu um conflito armado em diversos palcos e distintos teatros de operações, envolvendo franceses, espanhóis, portugueses e ingleses, pelo que importa ter dela, entre outros aspectos, a caracterização dos ambientes político e estratégico, a biografia das personalidades envolvidas, o conhecimento das manobras tácticas. ¶ Nas Comemorações do Bicentenário da Guerra Peninsular, o Exército Português e a Universidade de Coimbra, através da Direcção de História e Cultura Militar, da Comissão Científica do Grupo de História, da Faculdade

de Letras, e do Arquivo da Universidade, respectivamente, evocam a criação do Batalhão Académico de 1808 e homenageiam o patriotismo daqueles que o integraram com um colóquio e uma exposição documental, bibliográfica e museológica. ¶ Há 200 anos, com os acontecimentos políticos europeus a precipitarem-se vorazmente, Portugal vivia um tempo de enormes provações, talvez como poucas vezes ao longo da sua História, no qual a resistência nacional, emergida da vontade popular, constituiu parte indissociável do sucesso das campanhas contra os exércitos franceses, garantindo a integridade do território e os valores patrióticos. ¶ À semelhança de acontecimentos surgidos noutras localidades do País, patriotas vindos do Porto chegaram a Coimbra, no dia 23 de Junho, e logo fomentaram o levantamento contra as forças de Junot, acabando por ser tomado o Colégio de São Tomás, onde se alojavam os franceses, e postos a descoberto os brasões reais na Câmara Municipal e no Mosteiro de Santa Cruz. ¶ A reacção popular, organizada por académicos, religiosos e militares, originou diversas iniciativas insurreccionais que mobilizaram a população da cidade, tendo sido designado governador o prestigiado Vice-Reitor da Universidade, Doutor Manoel Paes de Aragão Trigo. A distribuição de armas, os cortes de acessos à cidade e a produção de pólvora no laboratório da Universidade, foram alguns dos recursos utilizados. Para governador militar, fora escolhido o general Bernardim Freire de Andrada, posteriormente substituído por seu irmão Nuno Freire de Andrada. ¶ As origens do Batalhão Académico remontam à acção do académico e sargento de Artilharia Bernardo António Zagalo, o qual, com algumas centenas de voluntários, entre os quais se contavam muitos académicos, marchou sobre a Figueira da Foz e recuperou-a do inimigo, seguindo as margens do Mondego, acompanhados de cerca de 3 000 homens armados de lanças, foices e outras armas artesanais. ¶ A formação do Batalhão Académico de 1808 constituiu um modelo paradigmático da resistência na preparação das defesas de Coimbra, contra as investidas de Loison, ‘o maneta’, tendo sido organizado e instruído um corpo de seis companhias de infantaria, uma de cavalaria e outra de artilharia. Parte desta força, comandada pelo Tenente-coronel engenheiro e lente de Matemática da Universidade de Coimbra, Dr. Tristão Álvares da Costa Silveira, veio a distinguir-se, posteriormente, nas acções de Leiria, Pombal e Nazaré. ¶ Os restantes elementos do Batalhão Académico permaneceram na cidade de Coimbra, organizando a sua defesa, sob o comando de José Bonifácio de Andrade Silva e de Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcelos. São conhecidos exemplos de membros do Batalhão Académico que, tendo-se distinguido em combate, foram convidados a alistarem-se nas forças regulares. Podendo recolher os benefícios das patentes que lhes foram oferecidas, recusaram, preferindo continuar a servir a Pátria desinteressadamente no seu Batalhão Académico. ¶ O Batalhão Académico de Coimbra, composto por caçadores e artilharia, teve ainda um papel distinto quando, em Maio de 1809, participou na reconquista da cidade do Porto, que havia sido tomada pelas tropas de Soult. Aquando da invasão de Massena, encerrada que estava a Universidade, o Batalhão Académico não foi mobilizado, tendo sido dissolvido por alvará de 15 de Abril de 1811. ¶ Nesta Exposição evocativa, a par dos livros e dos documentos, as armas e os equipamentos, enquanto peças de valor museológico, ajudam-nos a ter uma compreensão e uma perspectiva mais detalhada do que aconteceu, há cerca de dois séculos.

Coimbra, 19 de Maio de 2008

Major-general Adelino de Matos Coelho Director de História e Cultura Militar do Exército